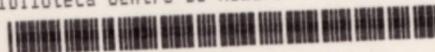


MARIANO, Julio. Trágica mascarada ao findar do século XIX.  
 Correio Popular, Campinas, 20 fev. 1972.

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030589

## Trágica mascarada ao findar do século XIX

*Correio Popular*

*20.2.72*

Julio Mariano

No princípio foi o entrudo, só o entrudo com as suas mascaradas, festejado em todas as províncias do Brasil. Depois, entrudo e carnaval, como um único divertimento, conquistando o modismo as cidades e se esparramando em seguida pelos bairros, povoados e até pelas mais distantes fazendas. Um pouco por causa da polícia, agindo em defesa do sossego público e dos bons costumes, outro pouco por causa da natural evolução das coisas, foi o entrudo se amorfizando mais e mais, até que morreu de todo. Se porventura o entrudo subsiste ainda no país, deve ser algures do mais longínquo sertão.

Ao que afirma Melo Moraes Filho, em "Quadros e Crônicas", bem nosso era o entrudo, enquanto que o carnaval estrangeiro, universal, familiar a muitas e diferentes civilizações. Recebemos o entrudo em tempos remotos, por via dos Açores, onde teria chegado como cópia de umas festas da Índia, solenidade anual do Pegú. Tudo isso aí fica por conta do cronista ilustre das tradições populares do Brasil, que assinala o ano de 1855 como o do aparecimento do carnaval na corte do Rio de Janeiro.

Em Campinas, popularizado o carnaval das máscaras e dos préstitos muito antes de findar do século, ele caminhou de parceria com o entrudo até ali por 1912. Em pleno Império já em guerra iniciada com o Paraguai, cuidava a gente campineira dos preparativos do carnaval. Na sessão da Câmara realizada a 11 de janeiro de 1865, deu entrada um requerimento do cidadão Manoel de Araujo Roso Junior, diretor de agrêmiação carnavalesca, pedindo licença para armar três coretos — um no largo da Matriz Velha, outro no Largo do Rosário e mais outro no Largo da Matriz Nova —, em lugares que "não estorvasse o trânsito", para os festejos carnavalescos. Os nobres edis houveram por bem deferir o requerimento.

Encorajado, porém, com a concessão obtida, o Maneco de Araujo Roso Junior, que seria neto do abastado proprietário urbano Tenente Domingos de Araujo Roso, entendeu em pedir também à Câmara que mandasse consertar umas quantas ruas, "para comodidade do Congresso Carnavalesco". A este segundo requerimento a Edilidade deu o contra. O tal "Congresso Carnavalesco", isto é o préstito, bloco ou cordão organizado pelo Roso, que se arrumasse como pudesse para o desfile pelas ruas esburacadas e lamacentas da velha Campinas.

A trágica Mascarada de 1897.

No que se refere à pompa dos préstitos, à riqueza e deslumbrante composição dos carros alegóricos, carnavais famosos se registram na "Princesa D'Oeste" antes e depois de 1900. Houve um carnaval, porém, espetacularmente trágico, que recontado com a natural ingenuidade e ignorância da gente simples, se perpetuou na memória do povo em versão errônea, fantástica, esse carnaval foi o de 1897, ao qual ficou ligado o nome do irrequieto e boêmio Lauro Franco de Andrade, então, na plenitude dos seus vinte e quatro anos bem sadios.

O Lauro Franco pertencia a uma família de renome e tradição em Campinas. Filho do Coronel João Francisco de Andrade Franco e de d. Brasília Augusto de Souza Franco, era neto pelo lado materno do Marquez de Três Rios (Joaquim Egidio de Souza Aranha) e bisneto pelo materno do Capitão-Mor João Francisco de Andrade, que teve atuação de destaque na Vila de São Carlos.

Não podemos deixar de anotar, igualmente, que irmão de Lauro Franco fora o conhecido e estimado Major Otaviano Franco de Andrade, que mesmo setuagenário pa-

recia reeditar em nossos salões de bilhar uma segunda mocidade do Fáusto de Goethe. Amigos que fomos do alegre Otaviano Franco, dele conseguimos exploração sobre o Major, que lhe antecipava o nome. Chamavam-no de Major porque ao tempo do avô, Marquez de Três Rios, lhe ofereceram essa patente na Guarda Nacional, mas sem a farda e nem o espadão. Rebelde por temperamento, o moço Otavianinho daqueles dias remotos recusou a honra, rompeu com seus familiares e foi ser carroceiro em Itatiba. Mesmo assim, porém, lhe sobejou o título — Major —, com a popularidade de que desfrutou principalmente entre os jovens frequentadores do bilhar até o seu desaparecimento.

Os Dois Irmãos Franco de Andrade no Clube dos "Fenianos".

O jovem Lauro Franco era o digno irmão do Major Otaviano, Alegres, bulhentos, eram ambos os grandes animadores do Clube dos "Fenianos", entidade carnavalesca que tinha por sede o sobrado do antigo e famoso "39" da Rua Regente Feijó, vizinho do atual Conservatório "Carlos Gomes". Embora mais jovem que o Major, Lauro era quem presidia os "Fenianos" em 1897, cabendo ao Major a vice-presidência e ao moço Alvaro Ribeiro a secretaria.

Soberbo de pompa, com dezenas de carros e cavaleiros e uma corte olímpica de ambos os sexos empoleirada nas carruagens, o prestígio dos "Fenianos" naquela distante 1897 seria de causar furor em Campinas, que competia assim com as grandes Metrôpoles.

Iniciando o desfile com batedores e toucheiros, ao lusco-fusco daquela tarde memorável de 2 de março, o préstito gigantesco se alongava desde o barracão de partida na Rua Barão de Parnaíba até o Largo da Estação da Paulista, numa exibição de vistosas e riquíssimas fantasias, quando deu de rodar o carro-chefe, um maravilhoso carro, em cujo elevado trono se sentava Lauro, feito Júpiter coroadado e de cetro em punho, trazendo ao ombro finíssima capa de veludo carmesim. Precedia-o a carruagem de Venus a deusa envolvida em roupagem deliciosamente vaporosa.

Consta que foi na Rua Andrade Neves, proximidades do Largo da Estação, que um solavanco mais forte do carro-chefe, ocasionado pelo resvalar de uma das rodas no fio do passeio, provocou o desastre. Sacudiu a estaca de escora do trono veio a partir-se, precipitando o jovem Lauro Franco com o seu trono lá do alto às pedras da sarjeta. A queda foi fatal ao presidente do Clube dos "Fenianos": sofrera fratura do crânio, de que lhe sobreveio a morte a caminho do Hospital.

Rebolço no préstito. Alvorço e pesar em toda a cidade, por onde rapidamente se espalhou a notícia do trágico acidente. Folguedos do carnaval e alegria do entrudo de 1897 se converteram em pranto e luto. Morrerá o rei dos foliões de Campinas. Fatalidade.

Desse desastre, originou-se uma lenda que perdurou por muitos anos. Ignorante a gente do povo sobre divindades olímpicas e demais coisas da mitologia clássica imaginou ter Lauro Franco se fantasiado de Senhor Bom Jesus, por causa daquela capa carmesim de Júpiter. Daí, o desastre, o castigo.

Ora, em se sabendo que o sentimento religioso cristão e católico jamais arrefeceu no seio da família Franco de Andrade e Souza Aranha, torna-se inaceitável a estória de que o folião Lauro Franco chegasse à irreverência e heresia com as suas mascaradas carnavalescas.